

O USO DA PRODUÇÃO CINEMATOGRAFICA COMO RECURSO DIDÁTICO PARA O ENSINO DO PROFESSOR DE HISTÓRIA

Daniel Marques¹

Paulino Peres²

RESUMO: O presente artigo apresenta uma discussão sobre a importância dos recursos audiovisuais em sala de aula na disciplina de história, com ênfase na produção cinematográfica. Em um primeiro momento compreende o cinema desde sua origem até os dias atuais como mecanismo de produção de memória, claro que debaixo da imparcialidade humana e seus objetivos, não rigorosos com o conteúdo histórico, mesmo assim, de fundamental importância para se ensinar história propondo ao mesmo tempo prazer aos educandos e acompanhando o desenvolvimento digital, que muitas vezes, parece acontecer em todos os lugares, menos na sala de aula.

Palavras-chave: Cinema; didática; ensino; história; professor.

INTRODUÇÃO

No curso de pós-graduação em Didática e Tecnologia no Ensino Básico pudemos perceber que estamos lidando com uma geração que já nasceu inserida em um mundo em que as novas tecnologias são realidade. Uma geração brasileira diferente da geração dos anos 1980 e 1990, que viu o surgimento e/ou desenvolvimento e popularização de várias dessas tecnologias como videogames, computadores e internet. Estamos no meio de uma transformação social.

Para compreender este processo, é preciso não só entender as mudanças da própria sociedade, sejam estas no seu modo de agir, pensar e se relacionar, mas também a evolução dos dispositivos que propuseram e/ou fizeram parte dessas

¹ Graduado em História pela UNESPAR – Paranavaí (Universidade Estadual do Paraná), pós-graduado em Didática e Tecnologia na Educação pela FATECIE (Faculdade de Tecnologia e Ciências do Norte do Paraná) e mestrando no projeto de Mestrado Profissional em Ensino de História pela UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) em parceria com a UNESPAR – Campo Mourão (Universidade Estadual do Paraná).

² Aluno de pós-graduação em didática e tecnologia, graduado em História pela FAFIPA (Faculdade de Ciências e Letras do Noroeste do Paraná)

modificações. Entende-se, então, que as transformações sociais estão diretamente ligadas às transformações tecnológicas da qual a sociedade se apropria para se desenvolver e se manter³. Professoras e professores devem saber disso.

Mas as tecnologias não são novidade, nem para a geração nascida no século XXI, tão pouco para as gerações do século XX. Desde a invenção do cinema no fim do século XIX, cada vez mais as mídias audiovisuais vêm ganhando espaço na sociedade, se popularizando e alcançando, também, a sala de aula. O filme se tornou um recurso didático eficiente em sala para professoras e professores das disciplinas curriculares, inclusive, história.

Assim, o objetivo maior desse trabalho é ensinar história através de uma prática pedagógica utilizando novas tecnologias de informação, observando o rigor teórico-metodológico necessário para um bom aprendizado dos educandos, bem como, refletir sobre a importância de trabalhar com o cinema em sala de aula para desenvolver espectadores que podem distinguir ficção de realidade; evidenciar os saberes históricos do filme, desvinculando sua mentalidade comercial e conduzindo para a reflexão e comparação com outras fontes de pesquisa; refletir sobre a contribuição da linguagem audiovisual para a construção do conhecimento histórico.

A escola não pode estar centrada em si mesma diante das constantes mudanças, que ocorrem na sociedade e na vida contemporânea das pessoas. O terceiro milênio é a era das novas tecnologias. Na sociedade em que vivemos, a mídia ocupa um espaço bastante significativo na vida das pessoas. Sendo assim, a escola não pode ficar alheia a essa realidade, ignorando que as crianças e jovens estão em contato, mesmo antes da escola, com produções da indústria cultural. Surge então a necessidade de novos procedimentos teórico-metodológicos, envolvendo as práticas pedagógicas com as novas tecnologias de informação. Os educadores precisam estabelecer uma relação positiva da mídia com o espaço educativo buscando, através dos meios de comunicação, novas dinâmicas que possibilitem formar cidadãos

³ KOHN, K.; MORAES, C. H. O impacto das novas tecnologias na sociedade: conceitos e características da sociedade da informática e da sociedade digital. Intercom, v, 30, n. 1, p. 1.

capazes de entender, discutir e agir nesse mundo imerso na mídia, pessoas que não sejam vulneráveis às informações da televisão, que consigam fazer uma leitura daquilo que assistem. Pessoas que saibam filtrar as informações nos telejornais e, mesmo analisar a produção cinematográfica.

A utilização do filme como recurso didático deve facilitar a aprendizagem, fazendo com que alunas e alunos encontrem uma nova maneira de pensar e entender a história, uma opção interessante e motivadora, que não seja meramente ilustrativa e nem substitua professoras e professores, mas, que seja um momento crítico e reflexivo de aprofundamento da história.

A educação deve ter como papel principal o desenvolvimento do indivíduo em sua totalidade. Para tanto, ela precisa modificar-se constantemente, observando as mudanças ao redor, essencialmente o desenvolvimento tecnológico e a influência que a mídia exerce no dia a dia do mundo globalizado. O desafio das educadoras e educadores é estimular, no ambiente escolar, o envolvimento da mídia nos objetivos educacionais para desenvolver valores e atitudes que contribuam para a construção da reflexão e do entendimento dos educandos. Os filmes transmitem mensagens que traduzem valores culturais, sociais e ideológicos de uma sociedade e de uma determinada época, dessa forma podem ser um instrumento para estimular os jovens ao conhecimento da cultura geral.

I. A HISTÓRIA E O CINEMA

Estudar o cinema sob o olhar da História requer, inicialmente, especular o propósito do surgimento do próprio objeto de estudo. O primeiro passo, assim pensamos, é conhecer o momento histórico de sua invenção no contexto das transformações presentes na sociedade na década de 1890⁴.

⁴ MEIRELLES, W. R. O cinema na história: o uso do filme como recurso didático no ensino de história. História e Ensino, Londrina, v. 10, p. 85, out. 2004.

Antes mesmo do cinema, fora inventado o cinematógrafo pelo francês Léon Guillaume Bouly em 1895. O dispositivo era capaz de realizar tanto captação quanto projeção capturando uma série de instantâneos fixos criando a ilusão de movimento, mas, por motivos financeiros, Bouly não conseguiu patentear o cinematógrafo que fora patenteado pelos irmãos Lumière⁵.

Assim, o cinematógrafo, mais tarde abreviado para cinema, surgiu em 1895, juntamente com outras inovações que iriam provocar profundas transformações, tanto nos aspectos tecnológicos, como nas suas formas e modos de pensar e ver. O cinematógrafo mantém muitos pontos em comum com as inovações de sua época, compondo e desempenhando um papel significativo na revolução das mentalidades no fim daquele século. Como inovação mecânica, o cinema que era resultado de aperfeiçoamento da fotografia, mantém muitos pontos em comum com o telégrafo, surgido na mesma época⁶. Ambos revolucionaram o campo das comunicações promovendo mudanças radicais no significado da relação espaço-tempo.

Além de Bouly e os irmãos Lumière, diversos inventores contribuíram para o desenvolvimento do cinematógrafo, como Plateau⁷, Marey⁸, Demeny⁹, entre outros, mas, foram os irmãos Lumière que lhe deram a forma final, ou seja, construíram uma máquina capaz de registrar e ao mesmo tempo projetar imagens em movimento. A primeira exibição pública do invento, com a cobrança de ingressos, ocorreu em Paris, no dia 28 de dezembro de 1895¹⁰.

Os primeiros filmes apresentados nessa eram de pequena metragem, duravam aproximadamente quinze minutos cada, os filmes iniciais dos inventores

⁵ Louis e Auguste Lumière. São considerados os pais do cinema.

⁶ MEIRELLES: W. R. História e Ensino, Londrina, v. 1, p. 42, 1995.

⁷ Joseph Antoine Ferdinand Plateau, matemático e físico belga, inventor do fenacístoscópio, projetor de imagens anterior ao cinematógrafo.

⁸ Étienne-Jules Marey foi um inventor e cronofotógrafo considerado um dos pioneiros da fotografia e da história do cinema.

⁹ Georges Demeny, inventor do fonoscópio, precursor do cinema.

¹⁰ MEIRELLES: W. R. História e Ensino, Londrina, v. 1, p. 43, 1995.

foram: A saída dos operários da Usina Lumière e Chegada de um trem na estação de Ciotat.

A importância dos filmes não se encontra apenas no que está aparente, aquilo que é visível, mas também pelo que não está visível, o implícito, a mentalidade que ele contém de uma dada época. Lá está com toda a sua força a ideia de progresso (o trem, a fábrica) a multidão anônima objeto das preocupações da burguesia (os operários, os viajantes, os transeuntes); modernidade (o próprio invento como expressão daquela sociedade).

II. O CINEMA E A MEMÓRIA

O cinema uma é uma invenção centenária, no entanto, a sua utilização histórica é bastante recente; os primeiros trabalhos datam dos anos 70, com a publicação dos artigos de Marc Ferro, isto é, a utilização de imagens é recente no ensino e o filme cinematográfico aparece como matéria prima privilegiada em aulas de diversas disciplinas. Entretanto, ainda gera discussão sobre sua eficácia e confiabilidade:

Foi portanto necessário enfrentar e legitimar o estudo do cinema pelos historiadores. Entretanto, aceito ou não, Ferro seguiu pesquisando história contemporânea, produzindo e analisando filmes – suas observações sobre as imagens sendo incorporadas ao conhecimento histórico que produziu. A partir desses estudos, aprofundou suas reflexões historiográficas marcadas pelo viés comparativo, do qual a pesquisa com imagens foi um dos pólos desencadeadores, uma vez que, ao invés de considerar que as imagens erravam quando seu conteúdo era distinto do que já se conhecia, lança dúvidas sobre as construções já estabelecidas.¹¹

Ferro, ao utilizar os filmes como fonte de pesquisa se deparou com dilemas, dizia que os filmes “eram diferentes dos livros que tinha lido, ainda que fossem sobre a mesma história. Logo, havia duas versões para a história. Não somente para árabes

¹¹ ArtCultura, Uberlândia, v. 15, n. 26, p. 187-203, jan.-jun. 2013.

e franceses, mas também para textos e imagens".¹² Sendo assim, filme é um campo de estudo privilegiado não para o historiador analisar o passado, mas também para aprender que existem mais formas de concebê-lo do que as já conhecidas. E ainda, o filme também pode, a partir de premissas do passado e presente realizar projeções para o futuro e, desta forma, ao aparecimento de uma visão da história que se projeta para o futuro. Cinema, memória e imaginação parecem que mantêm uma relação entrelaçada.

Cinema e memória mantêm entre si múltiplos pontos de contato, são profundos os laços nas suas formas de constituição, especialmente no que toca a relação espaço-tempo. Em relação ao tempo, ambos se constituem a partir da visão que se registra do acontecimento em que os estados não estão cronologicamente ordenados. O espaço, tanto no cinema como na memória, une e comprime elementos isolados nem sempre registrados a partir de locais e pontos do espaço verdadeiro e real. Os documentos a muito não são mais a fonte privilegiada de historiadores.

Os documentos são fundamentais como fontes de informações a serem interpretadas, analisadas e comparadas. Nesse sentido, eles não contam, simplesmente, como aconteceu a vida no passado. A grande maioria não foi produzida como foi registrada para a posteridade em como era a vida em uma determinada época e os que foram produzidos com esse objetivo geralmente tendem a contar uma versão da história comprometida por visões de mundo de indivíduos ou grupos sociais. Assim, os documentos são entendidos como obras humana, que registram pequenas parcelas das complexas relações coletivas. São interpretados, então, como exemplos de modo de viver, de visões de mundo, de possibilidades construtivas, específicas de contextos e épocas, estudados tanto na sua dimensão material (elementos recriados da natureza, formas, tamanhos, técnicas empregadas), como na sua dimensão abstrata e simbólica (linguagens, usos, sentidos, mensagens, discursos).¹³ São

¹² FERRO, 1987 apud MEIRELLES: W. R. História e Ensino, Londrina, v. 1, p. 44, 1995.

¹³ Parâmetros Curriculares Nacionais: história e geografia. Secretaria de Educação Fundamental. Rio de Janeiro DP&A, 2000, p. 79-81.

muitas as formas de conceber o passado, o filme é apenas mais uma delas, porém, com enorme potencial para despertar o prazer na relação ensino/aprendizagem.

Através do filme podemos observar nos seus personagens a distribuição dos papéis sociais e os esquemas culturais que identificam os seus lugares na sociedade. As lutas, reivindicações e desafios no enredo e os diversos grupos envolvidos nessas ações. O modo como aparece representada a organização social, as hierarquias e as relações sociais. Como são percebidos e mostrados pelos cineastas: lugares, fatos, eventos, tipos sociais, relação entre campo e cidade, rico e pobre, centro e periferia, etc.

O cinema pode, se constituir em uma importante fonte para o estudo da História. Isto no sentido de que o estudo do filme associado às diversas instâncias que intervêm na sua realização se assenta em valioso repertório de atos e ações do homem, de testemunhos das construções do imaginário, o que dificilmente é alcançado pelas fontes tradicionais escritas.

A tecnologia se inova de forma cada vez mais acelerada. Os dispositivos de memória estão cada vez mais micro enquanto as informações estão cada vez mais macro. Nunca historiadores tiveram tanto documento em sua disposição como hoje. Perceba a fala de Meirelles em 2004:

Um outro aspecto do cinema nestes últimos trinta anos, que deve ser considerado nesse seu estudo, é a popularização de inovações como o videocassete e atualmente o dvd, possibilitando a multiplicação do seu universo de influência ampliando o seu campo de destinação inicial que era a exibição apenas nas salas destinadas exclusivamente para esse fim.¹⁴

O autor cita a evolução do cinema nos trinta anos anteriores a 2004, e ainda, o videocassete sendo suplantado pelo DVD como uma inovação, uma atualidade. Pensar hoje, no DVD como atualidade é absurdo, pois, o mesmo que foi artigo de luxo

¹⁴ MEIRELLES, W. R. História e Ensino, Londrina, v. 10, p. 81, 2004.

no início dos anos 2000 agora é brinde quando se compra um outro produto em lojas físicas ou pela internet.

Quando surgiu o Vídeo Home System (Sistema Doméstico de Vídeo), o na época popular VHS, surgiram como ele as locadoras de VHS, isto é, as pessoas poderiam ir a uma locadora e fazer uma locação daquele dispositivo de memória com o filme que o trouxesse mais prazer.

Entre 1995 e 1997 surge o DVD (Digital Video Disc) um formato digital para arquivar ou guardar dados, som e imagens, tendo uma capacidade maior que o VHS. Depois criam o Blu-ray Disc¹⁵ acreditando que seria o sucessor do DVD, o que não aconteceu devido a obsolescência rápida do mercado de mídia física com o crescimento do streaming¹⁶ e download digital.

Não só os dispositivos de memória física vêm sofrido com as inovações tecnológicas, a televisão também tem sido afetada, de modo direto, pelos novos modos de produção de tecnologias de mídia, seja pela emergência dos meios interativos, seja pela circulação de conteúdos por diferentes sistemas de distribuição.¹⁷

A indústria televisiva vive um momento de coexistência com o regime do streaming que oferta os conteúdos sob demanda, que dão ao espectador o direito de assistir aos programas no momento em que lhe for mais conveniente, sem depender de uma grade de programação, por meio da internet.

Além da possibilidade de quebra do fluxo, a oferta de conteúdos se tornou mais vasta, acarretando numa maior segmentação do público e consequente

¹⁵ *Blu-ray* obteve o seu nome a partir da cor azul do raio laser ("blue ray" em inglês significa "raio azul"). A letra "e" da palavra original "blue" foi eliminada porque em alguns países não se pode registrar uma palavra comum em forma de um nome comercial.

¹⁶ Transmissão contínua. É frequentemente utilizada para distribuir conteúdo multimídia através da internet sem ocupar espaço na memória do computador do usuário. Netflix é um exemplo de streaming.

¹⁷ MOREIRA, CALAZANS. Netflix e a manutenção de gêneros televisivos fora do fluxo. Em pauta, v. 9, n. 2, p. 241

fragmentação da audiência televisiva, que se torna mais restrita e especializada. Começa assim, a era dos conteúdos online e sob demanda, a era da Netflix.

A Netflix revolucionou a maneira como as pessoas assistem a filmes e séries de TV. Criada em 1997 por Reed Hastings e Marc Randolph, a Netflix foi lançada com o propósito de oferecer o serviço de locação de filmes online. Dois anos depois, a empresa incorporou o serviço de assinatura mensal, disponibilizando, a um valor relativamente baixo, acesso ilimitado ao catálogo da empresa. A partir daí, foi conquistando assinantes. Em 2002, terminou o ano com 857 mil usuários, 88% a mais que no ano anterior. Em, 2007 lançou o serviço de *streaming*, ou seja, assistir online instantaneamente sem precisar baixar os arquivos. A empresa chegou ao mercado brasileiro em 2011 junto com toda a América Latina e Caribe. Hoje, presente em mais de 40 países e líder no segmento de conteúdos de vídeo sob demanda, a Netflix soma mais de 30 milhões de clientes nos Estados Unidos e oito milhões pelo mundo¹⁸.

Por um preço mensal baixo, os assinantes Netflix podem assistir quantos filmes e séries quiserem, quando e onde quiserem, em praticamente qualquer tela com conexão à Internet. Os assinantes podem assistir, pausar e voltar a assistir a um título sem comerciais e sem compromisso.

Enfim, independente do dispositivo de memória ser físico ou online, todos eles se preocupam com um mesmo mercado, o de filmes. E se tratamos de filmes, tratamos sobre memória. Todos eles, VHS, DVD e streaming tem como objetivo armazenar dados, memorizar filmes. O historiador se depara com uma grande fonte de pesquisa e o professor de história com uma ferramenta didática que parece que nunca irá terminar seu processo de expansão. Basta ao professor um google e pronto, está ali um filme que poderá estudar e possivelmente torna-lo material didático para a próxima aula.

¹⁸ MOREIRA, CALAZANS. Netflix e a manutenção de gêneros televisivos fora do fluxo. Em pauta, v. 9, n. 2, p. 248

III. O FILME EM SALA DE AULA

Marcos Napolitano afirma que as crianças aprendem ao ver imagens em movimento, a prever possíveis desenvolvimentos na história e compreender as convenções narrativas, o que lhes será benéfico nos primeiros contatos com textos escritos. O estímulo e o interesse da criança provocados pelos filmes podem incentivá-la a ler textos mais complexos. No entanto, isto não é válido apenas para crianças, é verdadeiro também para jovens e adultos. Assim, educadoras e educadores necessitam descobrir nos filmes o processo de escolarização e retirar deles reflexões que instiguem alunas e alunos a raciocinar mais profundamente, pois aí está a chave da utilização do cinema na sala de aula. A informação que deve ser retirada do filme nem sempre está explícita nas cenas, pode estar subentendida em uma fala, em um cenário, em um modo de agir dos personagens, etc. Cabe à professora e ao professor direcionar a ligação entre o filme e o conhecimento.¹⁹

Professoras e professores que conseguirem fazer a associação entre cinema e educação tem grande chance de ter sucesso no processo de ensino aprendizagem do conteúdo a ensinar, pois a linguagem fascinante do cinema reúne ao mesmo tempo, questões políticas, econômicas, existenciais e sociais.

O uso de filmes em sala de aula pode tornar as aulas dinâmicas e o cotidiano escolar passa a ser menos cansativo para profissionais da educação, alunas e alunos. Outro ponto importante é que filmes tornam os alunos mais interessados, pelo fato de a aula “fugir” do comum, mas sempre relacionada ao conteúdo programático da disciplina, mas, para isso:

os filmes devem ser escolhidos pela articulação dos conteúdos e conceitos (a serem) trabalhados (ou já trabalhados) tendo-se em mente o conjunto de objetivos e metas a serem atingidas na disciplina. Por isso, certamente não

¹⁹ NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

serão encontrados filmes próprios para todos os conteúdos, tendo de haver conexão do conteúdo do filme a ser trabalhado com a disciplina lecionada.²⁰

A professora e o professor deve ter a sensibilidade pedagógica na escolha do filme, levando em consideração faixa etária e perfil pedagógico da turma, caso contrário, o efeito pode ser inverso.

O cinema como prática pedagógica pode fazer a aluna e o aluno se interessar pelo conhecimento, pela pesquisa, de modo mais vivo e interessante que o ensino tradicional, apoiado em aulas expositivas e seminários. O porquê do cinema na escola só se justifica se ele desperta o interesse pelo aprendizado, e, ao mesmo tempo, mostra novas possibilidades educacionais apoiadas na narrativa cinematográfica.

Cabe à educadora e ao educador encontrar formas de explorar o conteúdo que será estudado. É importante não ficar atrelado à disciplina em si, e tentar criar formas de lidar melhor com seus alunos, via esta que pode ser possibilitada pelos filmes, já que numa sala de aula não se ensina apenas conhecimentos científicos, mas valores sociais muito importantes que serão levados para fora da escola.

ver filmes, discuti-los, interpretá-los é uma via para ultrapassar as nossas arraigadas posturas etnocêntricas e avaliações preconceituosas, construindo um conhecimento descentrado e escapando às posturas “naturalizantes” do senso comum.²¹

O filme quando bem discutido em sala age como instrumento de aprendizado além de estreitar a relação aluno-professor, auxiliando no descobrimento de novos métodos de ensino e novos perfis de alunas e alunos e como lidar com os mesmos.

É necessário a educadoras e educadores entenderem educandas e educandos como membros ativos do aprendizado, que participa, que possui motivações, que sente prazer e também rejeita, sendo assim, o aluno pode não se sentir atraído pelo filme. Para evitar a rejeição ao filme e ter sua expectativa

²⁰ NAPOLITANO, M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto, 2003.

²¹ TEIXEIRA, I. A. C. A diversidade cultural vai ao cinema/ organizado por Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Souza Miguel Lopes. – Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

pedagógica frustrada é necessário ter: 01) Objetivo pedagógico claro; 02) Metodologia adequada para a faixa etária dos educandos; 03) Planejamento estratégico; 04) Conhecimento do público alvo.

Ter um objetivo didático claro é o primeiro critério a ser considerado pelo educador. O mesmo sempre deve se perguntar para que deve passar o filme escolhido? Afinal, um filme considerado adequado para sensibilizar os alunos para algum tema abordado, não seria adequado para ser um complemento a um tema já abordado. São objetivos diferentes e possuem impacto na seleção.

Metodologia adequada à faixa etária dos educandos também deve ser um critério na escolha do filme a ser utilizado. Filmes em preto e branco são valiosíssimos para o historiador, porém, fatídicos para o aluno do Ensino Fundamental e Médio. A sala de aula não é o espaço para o professor mostrar sua erudição cinematográfica. Um filme em preto e branco do Chaplin, por exemplo, pode ser entusiasmante em alguns trechos e enfadonhos em outro, por isso, cabe ao professor, perceber o perfil da turma e selecionar os trechos que os alunos considerem estimulantes, sem perder o objetivo didático.

Uma preparação prévia antes da exibição do filme é uma das etapas do trabalho. Uma crítica a respeito e/ou uma lista de questões às quais os alunos terão que responder devem ser entregues aos alunos. Ou seja, a utilização do filme em sala de aula exige planejamento estratégico.

Conhecer o público alvo é fundamental, como também sua realidade social e familiar. Quando se trabalha com jovens sob a tutela dos pais, é importante lembrar que sua família também deve ser considerada como “público”. O adolescente pode comentar sobre o filme com sua família e, retirado do contexto, isso pode ser desastroso. Filmes com cena de erotismo ou que tratem de algum tema mais polêmico não precisam ser evitados, mas, o professor deve fazer o possível para que os pais não rivalizem com sua estratégia pedagógica para que possam contribuir com ela. Isso nos faz retomar o critério anterior, metodologia. Com os métodos adequados, os filmes polêmicos não serão problema. Comunicar a coordenação sobre a polêmica

que isso pode trazer é fundamental, pois, a coordenação e o professor podem juntos elaborar uma estratégia para comunicar e explicar aos pais sobre o filme a ser transmitido em sala ou ainda encontrar outras estratégias.

Ver um filme é uma atividade de lazer e um prazer estético. Mas, o filme selecionado para um trabalho com os alunos deve estar relacionado ao conteúdo o contribuir par ao ensino da disciplina. Se não fizer isso, não há razão de ser, é apenas uma atividade a mais, entre muitas que os alunos já precisam cumprir. Um filme sem ligação com o conteúdo pode ser exibido aos alunos como atividade de lazer ou como estímulo para seus estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz do que pesquisamos, percebemos a resistência que existe por parte dos profissionais com o uso das novas tecnologias na educação. E, no que diz respeito a produção cinematográfica, mesmo com índice de rejeição menor, é usada, muitas vezes, sem uma metodologia adequada ou sem qualquer critério estabelecido.

Em uma sociedade cada vez mais tecnológica, percebe-se que a educação vem incorporado de forma menos ágil os elementos tecnológicos e quando os utiliza, o faz de forma pouco adequada à realidade escolar. Desta forma, metodologias e estratégias devem ser criadas para auxiliar esses profissionais. Sendo a produção cinematográfica um mecanismo popular e acessível possui maior receptividade entre alunas e alunos de todas as idades.

Notou-se ainda que o educador necessita procurar se render às ferramentas alternativas de ensino, pois estas podem possibilitar o processo de ensino e aprendizagem, e assim obter maior êxito com seus alunos, pois, existe a possibilidade clara de que o recurso cinematográfico seja utilizado como algo que quebre a rotina de estudos e ao mesmo tempo estimule o interesse do aluno podendo tornar mais prazeroso o aprendizado. Pois, o aprendizado no Brasil é algo cansativo e desestimulante, cabendo às instituições de ensino e, claro, às professoras e

professores desenvolverem estratégias de ensino que desperte o interesse desses alunos, sendo o filme, como uma dessas estratégias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CASTILHO, Aurea. **Filmes para Ver e Aprender**. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2003.
- CERRI, Luiz Fernando. **Os Conceitos de Consciência Histórica e os Desafios da Didática da História**. Revista de História Regional 6(2): 93-112, Inverno 2001.
- FERRO, Marc. **Cinema e História**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- MEIRELLES, W. R. **História e Ensino**, Londrina, v. 10, p. 77-88, out. 2004.
- NAPOLITANO, Marcos. **Como Usar o Cinema na Sala de Aula**. São Paulo: Contexto, 2009.
- VIANA, M. C. V., **O Cinema na Sala de Aula e a Formação de Professores de Matemática**. Mini-curso oferecido aos alunos do Curso de Matemática na UFRRJ. Dia de Atividades Acadêmico-Científico-Culturais. 18 de maio de 2010. Seropédica- RJ.